

FABIO RIBEIRO DIAS

RELIGIÕES AFROB-RASILEIRAS NO SÉCULO XX

um exemplo de resistência cultural

FACCAMP

FACULDADE DE CAMPO LIMPO PAULISTA

Campo Limpo Paulista, Novembro de 2010

FÁBIO RIBEIRO DIAS

RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS NO SÉCULO XX

um exemplo de resistência cultural

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em História da FACCAMP, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Professora em História.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Reis

FACCAMP

FACULDADE DE CAMPO LIMPO PAULISTA

Campo Limpo Paulista, Novembro de 2010

EPÍGRAFE

Estamos, evidentemente, no direito de nos perguntar como a humanidade pôde permanecer por tanto tempo cega para com si mesma, amputando parte de si própria e fazendo, de tudo que não eram suas ideologias dominantes sucessivas, um objeto de exclusão. François Laplantine

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo principal demonstrar a perseguição que os adeptos das religiões afro-brasileiras sofreram no século XX, bem como fazer uma breve introdução à história e ao sincretismo religioso que houve entre as três, mais conhecidas quereligiões que possuem alguma ligação com a África. O trabalho foi realizado basicamente com pesquisa em livros e revistas.

SUMARIO

Introdução	06
1. Sincretismo	08
1.1 Início do sincretismo religioso	08
1.2 Entidades sincretizadas do candomblé	10
1.3 Entidades sincretizadas do catimbó palejança e cura	14
1.4 entidades sincretizadas da umbanda	15
2. Religiões afro-brasileiras	16
2.1 candomblé	16
2.2 catimbó palejança e cura	19
2.3 umbanda.....	19
3. Perseguição no século XX	22
Considerações finais	27
Bibliografia.....	29

INTRODUÇÃO

É interessante pensar sobre as religiões africanas no Brasil, principalmente o candomblé que possui um menor grau de proximidade com o cristianismo. Pois muitas pessoas, presas a ignorância, não conseguem entender essa religião, e ainda tentam fazer julgamentos, afirmando que o culto afro-brasileiro tem por objetivo prejudicar os outros ou possuem qualquer relação com aquilo que os cristãos chamam de demônios.

Mas o que essas pessoas não entendem é a concepção filosófica dessas religiões. “Não há limites para a realização pessoal e individual, e isso deve ser buscado enquanto estamos vivos: a felicidade não faz sentido após a morte. E tudo pode estar ao alcance de nossas mãos, até mesmo a morte ritual do meu inimigo” (PRANDI,1991,p24). Sabe-se que quando uma pessoa analisa uma religião totalmente diferente da sua, usando como parâmetros sua cultura, é quase impossível compreender a mentalidade do outro. Infelizmente essa intolerância pode ser assistida no Brasil durante muito tempo e é sobre ela e a resistência dos perseguidos que desenvolvo este trabalho.

Descrevo neste trabalho a perseguição, que sofreram no século XX, os adeptos das religiões africana no Brasil. Uma perseguição moral que ficava por conta da imprensa e que aumentava o repudio da sociedade a esses cultos e uma perseguição bruta que era feita pelos policiais, quando o representante, o que mais ferrenhamente caçou os negros adeptos a essa crença foi um delegado, mais conhecido como Pedrito, apelido dado por suas vitimas. Porem sabe-se hoje que esse delegado nada mais é do que “a autoridade que personificou o espírito de uma época da vida da social e política” (LIHNING,1994,p198).

Para conseguir resistir a perseguição do Estado e da sociedade, esses cultos tiveram que se adaptar a nova realidade, como realizar o culto de madrugada ou até mesmo eliminar os atabaques como fizeram os alagoanos. Caso o contrário, caso quisessem ser irreverentes e adorar seus deuses como faziam na África, dificilmente teriam conseguido manter viva sua cultura até hoje.

O trabalho foi dividido em três capítulos, basicamente feito através de pesquisas em livros e livros. O primeiro capítulo dedico a explicar como procedeu o sincretismo religioso no Brasil e como ele foi significativo para a sobrevivência das religiões que vieram da África, usando como exemplo as duas mais conhecidos do Brasil, a umbanda e o candomblé e outras três não tão conhecidas, catimbó, pajelança e cura, mas que demonstram em si uma maior parcela da cultura e tradições indígenas.

No segundo capítulo descrevo a breve história das religiões citadas à cima, indicando suas principais características. E neste último capítulo avalio a situação que se encontrava as religiões africanas no Brasil no século passado, mostrando sua flexibilidade, ou seja, sua capacidade de se desenvolver e se expandir, em um país que pode ser considerado tão hostil para qualquer religião que não professasse a fé cristã.

A ignorância gera o preconceito e este estimula a perseguição. Observar de forma neutra as aspirações das religiões já é um bom começo.

1. SINCRETISMO

1.1 INÍCIO DO SINCRETISMO RELIGIOSO

O sincretismo é a soma de alguns aspectos de diferentes culturas, que acontece de uma forma pacífica através da convivência de povos até então desconhecidos uns dos outros. O contato, através de um processo, gera uma nova cultura. Essa “mistura” é mais bem visualizada através das religiões, pois na maioria das vezes, são elas que norteiam a conduta do ser humano.

No Brasil, o sincretismo começa quando Portugal colonizou efetivamente o Brasil fazendo deste país um grande produtor de açúcar. Contudo como não havia portugueses suficientes e como não consideraram os indígenas apropriados para o trabalho no canavial, já que estes também gozavam da proteção dos padres jesuítas, os portugueses iniciaram o comércio de escravos.

Mas os negros não contribuíram apenas com o crescimento econômico do Brasil, não foram apenas trabalhadores. “Eles trouxeram uma herança cultural de linguagem, estética e filosofia que ajudou a formar a nova cultura” (THORNTON,2004,p. 189).

E assim iniciou a cultura híbrida no Brasil, quando os homens oriundos da América, África e Europa entraram em contato, mesmo tendo o branco como líder, todos, sem dar conta do que estava acontecendo, sofreram influência cultural uns dos outros.

As religiões africanas vieram para o Brasil trazidas pelos escravos, e com elas seus orixás, inquices e voduns. Antes disso os africanos não conheciam o catolicismo e nem outra religião que não fosse o culto de seus deuses. Mas o casamento entre as culturas foi tão forte que a mãe Menininha, uma das mais conhecidas mães-de-santo.

“Em 1984, em sua última aparição do vídeo no Jornal Nacional recostada na cama (...) na parede uma estampa do papa João Paulo II, respondeu sorrindo à repórter que lhe perguntara se ela era católica: “Eu sou católica. Eu sou do orixá eu sou de Oxum” (PRANDI,1991,p. 09)

Os africanos após serem escravizados e trazidos para uma terra estranha, não tiveram muita opção. Para poder cultuar suas divindades, faziam um altar com imagens da igreja católica, e, embaixo do altar colocavam os assentamentos dos orixás. Como os cânticos eram em dialetos africanos e os portugueses viam apenas imagens de santos, pensavam que eles estavam cultuando os santos católicos. Os senhores não desconfiavam que seus escravos, ao dançarem e cantarem em seus próprios idiomas, estavam adorando e pedindo ajuda aos seus deuses. Quando era preciso justificar o significado de tudo aquilo, eles diziam que estavam louvando os santos católicos em seus idiomas.

Mas os negros não tiveram muita dificuldade para abstrair parte da doutrina cristã. Pois historicamente eles já tinham o costume de assimilar as entidades de outras etnias, pelo fato de terem características humanas, com personalidades próprias e alguns já terem vivido na Terra antes de se divinizarem.

“Nesse sentido os deuses africanos se aproximavam dos santos católicos, que foram santificados em função de suas vidas na Terra (marcados pela virtude, heroísmo, resistência a dor e etc.) e considerados entre os homens e Deus” (SILVA,1994,p. 70)

Segundo o conde de Arcos, o sétimo vice-rei do Brasil, era interessante permitir que os negros cantassem e dançassem e cantassem segundo seus próprios costumes, pois assim traria sempre viva em suas memórias o passado na África e não se esqueceriam das rivalidades que havia entre as diferentes etnias. Isso seria causa de impedimento para que eles, aqui no Brasil se unissem contra seus senhores.

1.2 ENTIDADES SINCRETIZADAS DO CANDOMBLÉ

Os deuses que os africanos trouxeram diferem em alguns pontos dos que hoje são cultuados nas religiões afro-brasileiras. Pois na África as entidades estão muito ligadas a família biológica, uma família numerosa composta por vivos – os que cultuam e mortos – os que são cultuados.

“O orixá seria, em princípio, um ancestral divinizado, que, em vida, estabeleceu vínculos que lhe garantiam um controle sobre certas forças da natureza, como o trovão, as águas doces ou salgadas, ou, então lhe assegurando a possibilidade de exercer certas atividades como a caça, o trabalho com os metais ou, ainda, adquirindo o conhecimento das propriedades das plantas e de sua utilização” (VERGER,1985,p. 18)

Essa religião também possui a crença no deus supremo chamado de Olodumarê para os iorubanos, Mavu e Lissa para os jejes e Zambi entre os bantos. Esses deuses estão acima dos orixás e fazem deles intermediário entre si e os homens.

A definição que Verger dá para o orixá cultuado na África não varia muito do conceito que eles têm no Brasil. A diferença é que aqui a formação desse panteão foi enormemente influenciada pelo sincretismo. O orixá foi reinventado para se adequar à nova realidade em que seus adeptos se encontravam. Cada entidade, de acordo com suas características, receberá um “apelido”, ou seja, sua fusão com o catolicismo e alguns com entidades indígenas. Veja algumas dessas proximidades entre os deuses africanos, santos católicos e os seres encantados dos indígenas.

Exu – É considerado como o orixá mensageiro. Todas as cerimônias iniciam-se com uma louvação a ele, essa entidade também é vista como uma ponte entre os homens e os outros deuses, pois mesmo que as preces não sejam dirigidas a ele, é exu quem as leva para as outras divindades. Nada se faz, portanto sem sua permissão.

O seu dia é a segunda-feira, dia das almas no calendário católico. Ele é considerado como o próprio diabo pela igreja católica, já que há uma associação

dele com os demônios que as bruxas medievais invocavam e a semelhança de suas representações, como o tridente, cor vermelha, chifres e rabo.

Ogum – é o orixá da guerra e do fogo e “é uma espécie de herói civilizador africano na medida em que conhece os segredos da forja necessários para a fabricação de instrumentos agrícolas e de guerra” (SILVA,1994,p. 71)

Seu dia é a terça feira e os símbolos que o representam são a espada e ferramentas para cultivo. Devido a sua fama de guerra, no Brasil ele é sincretizado com santo Antonio e são Jorge. Santos considerados pela igreja como guerreiros.

Oxossi –. Ele é o orixá da mata é considerado como caçador e protetor dos mesmo, bem como dos chefe de família e dos animais que vivem no mato e nas florestas. Em alguns mitos ele aparece como irmão de Ogum, devido também ser função dos caçadores combater seus inimigos. É uma das divindades mais populares do candomblé, pois é praticamente o patrono da religião no Brasil. Seu dia é quinta feira.

Na Bahia Oxossi é sincretizado com são Jorge, por ser um santo caçador de dragão. No Rio de Janeiro o chamam de são Lázaro, provavelmente pelo fato desse santo ter sido assassinado amarrado a uma arvore. Em Pernambuco o mesmo orixá é chamado de são Miguel, o anjo caçador de demônio.

Obaluaiê – pode ser chamado também de Omulu ou Xapanã, ele é orixá da varíola, doenças contagiosas e da pele. Hoje em dia também da aids. Sempre aparece com o corpo coberto pois trás em si mesmo as marcas das doenças ao qual pode infectar ou curar alguém. Devido a isso essa entidade é vista com muito respeito e temor.

É relacionado mais freqüentemente com são Lázaro, santo este que tem o corpo coberto de chagas.

“ Para obter a proteção de Obaluaiê e são Lázaro nas igrejas desse santo, em Salvador, todas as segundas-feiras os devotos do candomblé costumam espalhar pipoca pelo chão, o alimento preferido de Oboluaiê,

que lembra as marcas deixadas pela varíola em sua pele” (SILVA, 1994, p. 74)

Mas também o chamam de são Roque, que dedicou sua vida a cuidar dos leprosos e depois de contrair a doença e expulso da cidade foi curado milagrosamente. O seu dia é a segunda-feira.

Ossaim – deus das folhas, ervas e medicamentos feitos a partir delas. Esse orixá é imprescindível no candomblé. “Pela importância litúrgica que tem as folhas no candomblé (na louvação dos orixás, na preparação dos banhos e rituais, etc) e pelos seus poderes medicinais” (SILVA, 1994, p. 76).

Ossaim não possui uma das pernas, por esse motivo ele é sincretizado com seres encantados do folclore e mitos indígenas tais quais, a caipora e o saci-pererê, que também não possui uma das pernas. Na relação com o catolicismo, os principais santos que o representa são, santo Onofre e são Jorge. Seu dia é a quinta-feira.

Xangô – Esse orixá em vida foi rei de Oió, nos mitos aparece como senhor dos raios, trovões e da justiça, por isso também é conhecido como protetor dos juizes e advogados. Normalmente quando são incorporados, seus filhos usam uma coroa para mostrar a posição de rei dele. É sincretizado com são Jerônimo, porque em todas as pinturas o santo está próximo a um leão, símbolo de realeza entre os iorubas. Mas também é comparado a são Pedro que segundo o catolicismo é considerado o porteiro do céu que é sempre retratado nas nuvens. Seu dia é a quarta-feira.

Oxum – em vida foi a esposa mais amada de Xangô. Na África é o orixá do rio oxum, já no Brasil é a deusa da água doce, da fecundidade, do ouro e do amor. Na África esta fortemente relacionada com a fertilidade da mulher que é sua riqueza, já que é pela procriação que se garante a continuidade da família e a subsistência da comunidade. Por esse motivo, no Brasil, esta sincretizada com Nossa Senhora da Conceição. Seu dia é sábado.

Iemanjá - é a deusa das águas, tida como a mãe de todos os orixás. No Brasil seu culto se dá no mar. Ela é sincretizada com várias personagens tanto do folclore brasileiro, como Janaina, sereia lara, mãe d'água. Como da igreja católica por haver uma forte relação entre Iemanjá e a maternidade, seu culto no Brasil se aproxima muito também das várias pessoas de nossa senhora, como a do Desterro, Rosário etc. Seu dia é de louvação é sábado.

Iansã – ela é considerada a entidade dos ventos raios e tempestades. Primeira esposa de Xangô, dona das almas dos que morreram, pois segundo a lenda ela preparou roupas que permitiu aos mortos voltarem à Terra para visitar seu entes. Ela é sincretizada com santa Bárbara, santa que protege contra tempestades. Seu dia também é sábado.

Oxalá – orixá da criação. Foi ele quem modelou com barro o corpo dos homens sobre o qual Olodumare soprou a vida, foi ele também o primeiro orixá criado pelo deus supremo iorubano, por isso é sincretizado com Jesus Cristo que também é filho do supremo. No Brasil é visto como pai dos orixás.

“Exemplo desse sincretismo entre Jesus e Oxalá aparece numa das festas mais populares da Bahia, a lavagem da igreja do Senhor do Bonfim. Neste caso a origem desse sincretismo está num mito africano. O velho Oxalá resolveu visitar seu amigo Xangô, rei de Oyó. Após longa jornada, ao entrar na cidade, encontrou perdido o cavalo de Xangô. Tentando amansá-lo, foi visto pelos soldados do rei, que logo o tomaram por um ladrão. Oxalá foi atirado na prisão e lá ficou por sete anos. Durante esse período grandes catástrofes acometeram o reino de oyó: secas, epidemias e esterilidade das mulheres. Xangô consultou então o adivinho e ficou sabendo da prisão injusta de um velho. Ao saber que este era seu amigo Oxalá, como forma de desculpar-se, ordenou que todos de seu reino vestissem roupas branca (porque branco é a cor de Oxalá) e buscassem água três vezes em seguida para banhar Oxalá” (SILVA,1994,p. 80)

Desse modo até hoje os seguidores do candomblé lavam essa igreja, que representa o próprio Oxalá.

1.3 ENTIDADES SINCRESTIZADAS DO CATIMBÓ, PAJELANÇA E CURA

Além da fusão entre as religiões africanas e ibérica, a matriz cultural indígena tem contribuído para o aparecimento de novas religiões que também podem ser consideradas afro-brasileira, é o caso do catimbó, da palejança e da cura. Nestas três religiões são encontradas partes das três culturas, portuguesa, indígena e africana, que entraram em contato no Brasil. Mas a princípio, antes do contato com a cultura africana estavam sincretizadas apenas alguns traços do catolicismo com as devoções aos santos e as práticas indígenas, com o uso do maracá¹, jurema² e fumo. E posteriormente com a expansão dos escravos pelo Brasil, uniu-se a essas religiões os deuses adorados pelos africanos.

As sessões são lideradas pelos mestres, que são os chefes dos cultos, pela rainha que o acompanha e pelos discípulos. O trabalho inicia-se com a defumação das pessoas com a fumaça de cachimbos, todos em torno de uma mesa, com velas e imagens de santos católicos. Fazem rezas católicas como, pai-nosso e ave-maria e danças, que nada mais são do que agitar o maracá para invocar os espíritos dos mestres, que ao longo do canto vão incorporando nos presentes.

Existem três tipos de mestres, os mestres indígenas, como Jandarai, Caboclo Tupi e Xaramundi. Os mestres de origem africanas, Pai Joaquim e Mestre Maluguinho. E os mestres de origem católica como o Mestre Santo Antonio. Esses mestres descem basicamente para realizar curas e receitar remédios.

A palejança da região Amazônica possui um diferencial, além da incorporação dos espíritos e mestres humanos outras entidades descem como o espíritos de animais reais, como o jacaré, cobras, botos, cavalos-marinhos ou fantásticos como, mãe-do-lago e a cobra grande. E com a incorporação desses seres que incorporam no pajé é que ele fica sabendo das causas das doenças e descobre remédios para curá-las (SILVA,1994).

¹ Instrumento musical que emite som de chocalho

² Bebida sagrada feita com a casca da árvore de mesmo nome

1.4 ENTIDADES SINCRETIZADAS DA UMBANDA

As entidades na umbanda se encontram entre o que os orixás são considerados no candomblé, deuses pessoais que cada pessoa recebe em seu corpo e cultua como protetor individual e o que os médiuns kardecistas recebem, espíritos dos mortos, isso é, pessoas que viveram na Terra e voltam para cumprir uma missão.

As entidades dessa religião são divididas em três grupos, os espíritos muito evoluídos ou da luz. Os intermediários e os espíritos das trevas. Sem contar o xamanismo que teve um significado importante na formação da umbanda.

Os orixás compõem o primeiro grupo, são espíritos que raramente descem à Terra e quando vem estão em forma de “vibração”. Abaixo destes estão os intermediários do ponto de vista da evolução espiritual, os cablocos e pretos velho, que são respectivamente espíritos de indígenas e escravos que aqui viveram.

Abaixo deles estão os exus e as pombagiras, considerados como espíritos das trevas. Eles são considerados demoníacos justamente pelo estereótipo que o orixá exu recebeu do catolicismo e o associou ao diabo, a pombagira é o seu feminino. Essa categoria nem sempre são aceitos no terreiros que possuem maior influência do kardecismo. Já a explicação que os outros terreiros dão para justificar a autorização dessas entidades baixarem em suas casas é devido ao ideal de caridade, que tem como objetivo colaborar na evolução espiritual dessas entidades.

2. RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS

2.1 CANDOMBLÉ

O nome mais comum que se dava às religiões africanas no Brasil até o século XVIII, era calundu, palavra de origem banto, que juntamente com batuque e batucajé abrangia todas as danças coletivas, músicas acompanhada de instrumentos de percussão e trabalhos mágicos.

Um dos relatos mais antigos de que se têm notícias é a definição do termo calundu, que um fazendeiro faz a um viajante português.

“São uns fouguedos, ou adivinhações que dizem estes pretos costumam fazer nas suas terras, e quando se acham juntos, também usam deles cá, para saberem várias coisas, como as danças de que precedem, e para adivinharem algumas coisas perdidas; e também para terem ventura em suas caçadas, e lavouras” (CASCUDO, apud SILVA, 1988, p. 182)

No Brasil os primeiros calundus eram realizados à noite, nas fazendas vigiadas pelos capatazes para evitar a fuga. Com o passar do tempo e o desenvolvimento dos espaços urbanos, o aumento dos negros libertos e com a maior autonomia que os escravos da cidade tinham em relação aos da fazenda, criou-se um clima propício para a evolução e expansão dessa religião.

Os negros começaram a se reunir, para a realização de seus cultos nos mesmos ambientes que residiam, na maioria das vezes cortiços.

Mas somente com o regime republicano e com o estado laico é que foi garantida a liberdade de culto a todas as religiões, desde que os templos não ostentassem símbolos em sua fachada, e garantiu ao negro, na teoria, uma maior liberdade de culto.

Nas últimas décadas do século XIX as hostilidades contra os negros, pois com as várias revoltas de escravos que estavam eclodindo neste período fez com que as autoridades desconfiassem que as reuniões, não tivessem apenas caráter religioso, mas também, conspiratório. Neste sentido as autoridades não estavam

enganadas, porque hoje se sabe que os terreiros não só formulavam planos de levantes como também ajudavam a manter os quilombos que estavam próximos. O terreiro deixa então de ser apenas um espaço para a realização do culto e se torna a voz do negro que se levanta e contraria as condições sociais a qual foi submetido.

A forma de organização do candomblé é desde seu início a família-de-santo, aonde eles estabelecem laços de parentesco religioso. É difícil estabelecer quando se formou a primeira família-de-santo, as informações que se tem, que são obtidas através dos próprios participantes, é que fundadores dos primeiro terreiros começaram a iniciar, não apenas os negros de suas etnias mas de todas as outras que houvesse um representante. Com o passar do tempo os mestiços e brancos também passaram a fazer parte do candomblé. Dessa forma a família perdeu todo o seu caráter étnico e o que restou foi apenas um elo religioso que uniu os terreiros fundados pelas gerações futuras.

Para fazer parte de uma família-de-santo a pessoa deve em principio ser iniciada, tornando-se um iaô³ aonde ela assume um nome religioso⁴ e um compromisso eterno com seu deus pessoal e com seu pai ou mãe-de-santo. A partir do momento em que se conclui a cerimônia de iniciação e o novo integrante ganha um pai ou uma mãe-de-santo, os outros filhos de seu pai ou mãe-de-santo serão seus irmãos de santo. Os irmãos de seu pai ou mãe-de-santo serão seus tios-de-santo e assim sucessivamente.

A esses “parentes” deve-se consideração, respeito e amor, assim como ha normalmente em todas as famílias. Mas essas características deveriam aparecer com maior ênfase, já que são pessoas unidas por vínculo espirituais.

Esse laço de “parentesco” não se restringe aos que pertence ao mesmo terreiro, mas a terreiros fundados por parentes-de-santo. Um exemplo é a relação

³ iniciado rodante que ainda não passou pela obrigação dos sete anos

⁴ O nome deve ser africano

que existe entre os três mais conhecidos e um dos mais antigos terreiros de candomblé, Casa Branca do Engenho Velho, Gantóis e Axé Opô Afonjá.

No período da escravidão no Brasil, os negros formavam suas comunidades, para cultuar seus deuses, nos engenhos de cana. Na Bahia, algumas princesas, escravas, vindas de Oyó e Keto, fundaram um terreiro em um engenho de cana. Depois se agruparam num local denominado Barroquinha, onde fundaram uma comunidade conhecida como Candomblé da Barroquinha.

Sabe-se que esta comunidade fora fundada por três negras africanas cujos nomes são: Adetá ou Iyá Detá, Iyá Kalá ou Iyá Nassô e Babá Assiká ou Bangboshê Obitikô.

Os africanos que se encontravam alí, lugar deserto naquela época, porém próximo ao Palácio de sua Real Majestade, tiveram receio da intervenção das autoridades no seu Culto, daí, Iyá Nassô resolveu arrendar terras do Engenho Velho do Rio Vermelho de Baixo, no trecho chamado Joaquim dos Couros, lugar onde se encontra até hoje, e recebeu o nome de Casa Branca do Engenho Velho “(...) considerado o mais antigo terreiro de candomblé de que se tem registro no Brasil” (PRANDI,1991,p43).

Com a morte das fundadoras a chefia do terreiro foi para Marcelina da Silva, após a morte desta surgem duas candidatas para disputar o terreiro, Maria Julia da Conceição e Maria Julia Figueiredo. Primeira perde e funda um terreiro chamado Iya OmiAxé Iyamase, mais conhecido como Gontóis. Foi este terreiro que teve como chefe a uma das mais conhecidas mães-de-santo, Escolástica Maria de Nazaré, mais conhecida como mãe Menininha.

Posteriormente houve uma nova disputa no Engenho Velho, que levou Eugenia Ana Santos auxiliada por Joaquim Vieira da Silva a fundar em 1910 o terreiro chamado Axé Opô Afonjá, em Salvador.

2.2 CATIMBÓ, PALEJANÇA E CURA

Foram religiões indígenas que anexaram a elas as entidades africanas. Justamente o contrario do que ocorreu com o candomblé em relação ao cristianismo e a umbanda. Esses cultos são nativos e se encontram presentes, mais fortemente, norte do Brasil. Principalmente na região que vai da Amazônia à Pernambuco, pois foi nesta localidade que a influencia do índio se mostrou mais intensa.

É muito difícil diferenciar a palejança do catimbo e ambos da cura, porem todas elas e outras semelhantes a essas se chama a religião de caráter essencialmente mágico-curativa, baseadas no culto aos mestres, que são as entidades.

Existem outras religiões oriundas de outras regiões, que não serão trabalhadas mais afundo por não ser esse o objetivo central, como o candomblé de caboclo, no qual os deuses indígenas assumem o mesmo papel central, com o mesmo status que os orixás. Essas religiões assim como a umbanda tem uma forte herança indígena, só que se originaram em outras localidades, no caso o norte, e não tem ligação alguma com o kardecismo.

2.3 UMBANDA

É muito difícil precisar quando foi que as entidades africanas e indígenas começaram a baixar (posseção) nos centros espíritas e quando os pais e mães de santo começaram a aceitar os valores kardecistas. Da mesma forma que o candomblé a umbanda também tem seu inicio um tanto quanto enigmático. A pouca informação que se tem é que em meados da década de 1920 cabeça a nascer no Rio de Janeiro os primeiro centros umbandistas, como fuga da ideologia kardecista que vê as entidades adoradas pelos africanos como espíritos inferiores. Os espíritas adeptos a esses novos pensamentos começaram a mesclar as divindades adoradas pelos africanos e indígenas a seus rituais, afim de dá-la status de religião, legitimá-la tornando-a mais poderosa e não uma corrente do

espiritismo. Eles começaram a “professar e a defender publicamente essa mistura” (SILVA,1994,p106).

A umbanda nasce para atender as necessidades religiosas de uma classe específica, a classe média. A nova religião trás vestígios do kardecismo, uma religião aplicada aos métodos e explicações científicas o que permitiu a aceitação de um público mais instruído.

“O transe sendo praticado no kardecismo por uma população de nível educacional maior, como funcionários público e profissional liberais, passou a ser maior aceito por essa camada social que sempre o vira como característica das religiões “primitivas” ou “atrasadas” (SILVA,1994,p109).

Ela é a religião perfeita para todos que se sentem atraídos para usufruir os serviços mágicos prestados pelos negros. O que não acontecia no candomblé já que a classe branca, pela sua posição social não poderia assumir publicamente a simpatia que sentem pela cultura de uma classe marginalizada.

Mesmo antes de a umbanda ser o que ela é hoje, muitos elementos que a constitui já existia e estavam presentes no universo popular, sobretudo nas práticas bantos. “Na cabula, por exemplo, o chefe do culto era chamado de embanda – possível origem da religião que se formou pela ação desses líderes ou se confundiu com suas práticas” (SILVA,1994,p106). Já na macumba, umbanda significa o nome do chefe do culto.

Uma das características da umbanda é a adoção da língua vernácula, a eliminação quase total do sacrifício de animais bebidas alcoólicas e a utilização da pólvora e quando é preciso fazer uso desses itens, sempre há uma explicação científica. Ela também foi organizada nos moldes burocráticos das associações civis, com cargos de presidente, secretário e tesoureiro. E inspirado no kardecismo criaram suas próprias federações. A primeira criada em 1939 por Zélio Moraes, um dos fundadores dessa religião no Rio de Janeiro. Essa instituição recebeu o nome de União Espírita da Umbanda do Brasil, que foi uma das principais incentivadoras para que ocorresse em 1941 no Rio de Janeiro, o

Primeiro Congresso de Espiritismo da Umbanda, aonde foram traçados as primeiras e principais diretrizes da religião.

No segundo congresso ocorrido em 1961, também no Rio de Janeiro, os umbandistas conseguiram lotar o maracananzinho, com representantes de 10 estados do país, contando com políticos municipais e estaduais. Mas sua grande revelação foi de 1964 em diante, pois conseguiu o apoio do governo militar.

“A umbanda passou bem nas mãos da ditadura militar instituída em 1964 (...) este novo governo militar não negou aos umbandistas seus direitos políticos enquanto umbandistas nem a liberdade da prática religiosa. Ao contrário, a ditadura apoiou os ganhos políticos e sociais alcançados nos 15 anos anteriores e auxiliou a sua institucionalização. Foi na ditadura militar que registros dos centros de umbanda passou da jurisdição policial para civil [em cartório], que a umbanda foi reconhecida como religião no censo oficial, e que muitos de seus feriados religiosos foram incorporados aos calendários públicos locais e nacionais, de caráter oficial” (SILVA,1994,p. 116)

Com o tempo a umbanda foi adquirindo varias outras direitos, um exemplo é a prefeitura do municia de Praia Grande ter construído à beira mar uma estatua de 5 (cinco) metros de altura.

Trazendo para si características européia, indígena e africana, pode-se considerar que a umbanda é uma religião autenticamente brasileira.

3. A PERSEGUIÇÃO NO SÉCULO XX

O culto aos deuses africanos faz parte de uma cultura de resistência e superação no Brasil, pois como pode ser observado na Bahia durante a década de 1920, de acordo com relatos publicados em jornais impressos, há uma série de ocorrências que revelam a repressão da polícia à terreiros de candomblé da cidade. Sabe-se hoje, segundo a historiografia, que essa perseguição não se restringiu apenas a este estado, mas perseguiu essa religião por todos os lugares que ela fosse. Seduzidos pela visão eurocêntrica, a sociedade buscava um maior controle social, restringindo e tentando sufocar todas as manifestações que estavam relacionadas com a cultura que os africanos trouxeram para o Brasil.

“Essas batidas policiais refletiam não apenas a prepotência da sociedade dominante, mas que, na verdade, demonstravam seu medo de ver que essas formas de religiosidade popular, chamadas com escárnio de cultos “primitivos” ou feitiçarias, avançavam e se reproduziam rapidamente, e se constituíam em sérios entrave para a sedimentação da desejada civilização moldada em padrões europeus” (BRAGA,1993, p. 56)

Pedro Azevedo Gordilho mais conhecido por Pedrito, foi o delegado baiano que mais ferrenhamente perseguiu o candomblé. Sua atuação pode ser constatada no período entre 1920 a 1926, a partir desta data não se obtém mais informações dele envolvido em batidas⁵ e nem como delegado, “de 1920 a 1926, enquanto durou o reinado (...) o delegado mantinha-se disposto a acabar com as tradições populares, a porrete e a facão, a bala se preciso”. (LUHNING,1994,198) Porém ele é apenas um símbolo da perseguição imposto pela sociedade e que perdurou até 1936. Pedrito foi a “autoridade que personificou o espírito de uma época da vida social e política de salvador, na década de 20” (LUHNING,1994, p. 198).

Para alguns essa perseguição é mais mito e lenda, já para outros efetivamente existiu da mesma forma que as pessoas comentam. As provas mais evidentes são os objetos do culto apreendidos pela polícia. Se não fosse pela historiografia que discorre sobre o assunto e revela inúmeras situações de

⁵ invasões policiais aos terreiros

perseguição aos afros descendentes, seria muito difícil descobrir quem fala a verdade. Já que as transmissões orais ficam vagas no tempo, pois as pessoas não se recordam muito bem das datas e dos fatos. Em contraponto os jornais refletem a opinião da parcela da sociedade que era contra o candomblé, ou seja, a elite. Pode-se também questionar a credibilidade da imprensa, visto que os jornalistas da época, quando descreviam as batidas, praticamente nunca estavam presentes no exato momento. As informações que transitam eram dadas pelos próprios policiais que participavam da ação e quase nunca se ouvia a versão dos negros.

De acordo com a interpretação dos vários documentos e artigos da época, o que levou a polícia a perseguir tão obstinadamente os candomblés foi “uma campanha cerrada da imprensa”,(LUHNING,1994,p199) já que ela, representava a ideologia e os interesses da elite. A imprensa fazia duras críticas à polícia quando esta afrouxava a hostilidade praticada contra o candomblé, delatando que a polícia fechou os olhos propositalmente, quando se é afirmado que “o candomblé é uma praga, gozando da mais longa e eficaz proteção da polícia”. (LUHNING,1994,p200)

Os jornais justificam à sociedade branca e racista a violência imposta aos negros utilizando vários argumentos tais quais,“a queixa da população contra o barulho infernal dos atabaques”,(LUHNING,1994,p200) contudo para reforçar as reclamações feitas às autoridades aqueles que faziam a denuncia exageravam, inventando que durante as manifestações religiosas os candomblezeiros “tomam banho nu” ao ar livre “e xingam” e que “gritam lutam e discutem”.(LUHNING,1994,p200) Existem queixa aos ebós⁶, alegando a falta de higiene dos negros e limpeza pública.

Freqüentemente se denunciavam os exercícios ilegais da medicina o curandeirismo e muitas vezes o candomblé era acusado até de seqüestro, manter pessoas em cativeiro e de tortura. Tentava-se através destas justificativas

⁶ oferendas feitas para as entidades

submeter o candomblé a algum parágrafo do código penal, já que teoricamente segundo a constituição de 1889 era garantida a prática de toda e qualquer religião.

A obsessão da polícia em perseguir os negros era de tal forma exacerbada que ela ia muitas vezes sem rumo tentar encontrar os terreiros, guiados apenas pelo som dos atabaques e quando encontrados, a maioria do grupo era preso com a acusação de que tocavam “sem a licença da polícia”. (LUHNING,1994,p201) E seus objetos apreendidos eram enviados, quando não destruídos no local, ao instituto geográfico e histórico recebendo nomes pejorativos como, “bugigangas e troços” ou “arsenal de feitiçaria” (LUHNING,1994,p201)

Mas o intrigante é que nem precisavam estar em uma festa de candomblé para serem presos como aconteceu a um “grupo de iaôs⁷, após uma visita à igreja de S. Antonio da Barra foi levado ao xadrez” (LUHNING,1994,p201). Em um outro caso dois homens que ao matar um galo, supostamente para uma cerimônia de candomblé, foram detidos.

Visando não serem pegos pela polícia e procurando evitar uma futura extinção de sua religião, como estratégia de resistência cultural, alguns terreiros só abriam depois da meia-noite, horário em que certamente os policiais não estariam mais os procurando, outras mudavam para as periferias ou escondiam os objetos de culto.

No estado de Alagoas os negros tiveram que reestruturar o candomblé, excluindo de suas cerimônias os atabaques e os cantos eram entoados em voz baixa “xangô resado baixo” (BRAGA,1993,p57). Tudo para evitar serem detectados pelos policiais.

A própria imprensa reconheceu que mesmo diante das cerradas perseguições, o candomblé persistia, comparando-o com “aqueles bonecos teimosos que nunca ficam deitados” (LUHNING,1994,p201).

⁷ Iniciado rodante que ainda não passou pela obrigação de sete anos.

Algo que contribuiu muito ao candomblé foi o uso da fala. Com este artifício se comentam que pessoas de prestígio praticam a religião. A indícios de que o próprio Pedrito tenha dado santo. Se esse fato é ou não verídico não se sabe. Mas uma coisa é certa, essa e outras histórias semelhantes contribuíram muito com a auto-estima do povo de santo e, por conseguinte com a ardente vontade de prosseguir mesmo diante de todas as dificuldades.

Por isso dizer que mesmo diante de tanta humilhação sofrida é errado e até preconceituoso dizer que o negro foi sempre inerte diante da opressão sofrida, por que é o mesmo que colocar o negro em uma posição inferior e afirmar que ele foi incapaz de lutar pelos seus direitos mais elementares, esquecendo que ele sempre soube aproveitar das oportunidade que surgiram.

O maior exemplo é a forma como reagiu às batidas que, sem dúvida foi uma das mais difíceis opressões que o povo de santo sofreu no Brasil. E contra os policiais os negros utilizaram diferentes formas para resistir desde o enfrentamento físico até as negociações.

“A história do candomblé da Bahia é a história da resistência do negro contra a opressão e o cerceamento de sua liberdade religiosa. As batidas policiais não conseguiram jamais macular o conteúdo mais sagrado da religião afro-brasileira, e muito menos o profundo compromisso de seus adeptos com as divindades” (BRAGA,1993,54).

Mas o candomblé não conseguiu manter sozinho sua integridade, pois ele contou com a ajuda da própria polícia ou parte dela. A maioria dos policiais era oriunda dos bairros próximos as casas. Muitos deles apenas freqüentavam ou eram até filho-de-santo. E estes policiais avisavam suas respectivas casas, quando possível, antes de as batidas chegarem.

O envolvimento entre as pessoas que gozam de altos cargos dentro da sociedade com o candomblé, nos anos de perseguição, garantiram ao segundo uma certa proteção contra a polícia e seu auxílio perdura atualmente garantindo sua independência econômica.

Entretanto este envolvimento não foi suficiente para impedir a propagação do preconceito que a elite branca tinha contra a cultura afrobrasileira, afirmando

que essas ideias retardavam a modernização a qual o Brasil havia iniciado no começo do século XX.

“um dos dramas da jovem nação, querendo se afirmar perante a Europa e a América do Norte, é que nesses lugares a civilização européia e a raça branca ere consideradas exemplos do mais alto grau de desenvolvimento alcançado pela humanidade”. (SOUZA,2006,p121)

A questão da perseguição social aos participantes do candomblé deve ser entendida em um contexto amplo, pois neste período se buscava identificar uma cultura nacional. E é também o momento de auge das teorias de gobbineau⁸ e outros darwinistas sociais, não somente europeus como também brasileiros, que insistiam erroneamente em usar os parâmetros metodológicos do darwinismo, uma corrente das ciências naturais, nas ciências sociais. E dessa forma manipular a ciência, com fins racistas, para provar que os seres humanos, assim como os animais, também são distinguidos por raças e que estas raças podem ser tanto superiores como inferiores. “ Como foi possível a existência de tais interpretações, e, mais ainda, que elas tenham se alçado ao status de Ciências” (ORTIZ,1994,p13). Os europeus acreditavam que sua raça era superior às demais, portanto tinha a obrigação de conduzir o planeta à civilização.

Na década de 1920 e 1930 entra em vigor a ideia de que a raça negra é geneticamente atrasada e a européia é a avançada culturalmente. E resquícios dessa visão preconceituosa podem ser encontrados até no final do mesmo século.

Sem dúvida a maior força do candomblé foi sua flexibilidade de se adequar a realidade brasileira, de se aliar a integrantes da classe que o perseguia, aumentando assim a quantidade de adeptos, conseguindo proteção contra os policiais e melhorando sua situação financeira. Grau de flexibilidade, que a cultura européia que se julgava tão superior e avançada, não foi capaz de alcançar até hoje.

⁸ Conde Gobineau, francês que publicou o livro Inferioridade racial dos negros, 1855.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar e entender um pouco mais sobre as religiões afro-brasileira sempre foi um assunto almejado por mim, contudo minha principal preocupação após definir o tema passou a ser sobremaneira, mostrar que essas religiões são, devido à grande perseguição e, graças a sua, maior ainda, persistência um exemplo de resistência cultural. Nesse quesito ao meu ver tive bom êxito.

Busquei desenvolver essa pesquisa com o máximo de imparcialidade e neutralidade possível, ou seja, em hipótese alguma me veio à mente fazer propaganda religiosa ou tão pouco aumentar a repugnância que a sociedade tem aos cultos afro descendentes.

Ao longo da realização desse trabalho pude perceber que não conseguiria abordar esse assunto com a profundidade que tinha como propósito, já que fazer tal pesquisa, no espaço de tempo que dispunha, seria quase impossível. Contudo alcancei um outro êxito, garantir que uma explanação sobre o assunto fosse feita, de modo a permitir que quem o ler, possa ter ao menos uma ideia das barbaridades que ocorreram no século XX.

Não vejo esse trabalho apenas como um tcc, mas principalmente como um trabalho social, não somente uma análise da sociedade, mas um produto que sirva para sua evolução, para civilizar uma sociedade que há muito se julga civilizada. Enfim o considero uma ferramenta que pode ser usada por quem quer que seja para combater o preconceito que pode se observar até nos dias de hoje.

Mostrar a perseguição no século XX, infelizmente não é apenas lembrar algo que esta distante de nossa realidade. Essa perseguição sustentada pelo preconceito e ignorância, esta longe de chegar ao seu fim. A prática de tentar exterminar o diferente parece se adaptar as novas realidades da sociedade. No século passado pode ser percebida a perseguição explícita, física. Já atualmente essa mesma perseguição continua, contudo um pouco diferente, hoje ela esta dissimulada, encoberta e incentivada por algumas instituições muito respeitadas.

Desse modo concluo esse trabalho satisfeito pelo conhecimento adquirido e tendo ciência de que ele deveria ser apenas a primeira parte de um drama real, que só terá fim quando a educação se fizer presente.

Bibliografia

BRAGA, Julio Santana. Candomblé da Bahia: repressão e resistência. **Revista usp, Dossiê Brasil/África**, São Paulo, v. 18, n. 52 – 59, jun./ago. 1993

LAPLANTINE, François. **Aprender antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

LIHNING, Angela. Acabe com este santo, pedrito vem ai...: mito e realidade da perseguição policial ao candomblé baiano entre 1920 e 1942. **Revista usp, Dossiê povo negro – 300 anos**, São Paulo, v. 28, n. 263, p. 194 – 220, marc./mai. 1989

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira & identidade nacional**. 5. ed. São paulo: Brasiliense, 1994.

PRANDI, Reginaldo. **Os candombés de São Paulo**. São Paulo: Edusp, 1991.

SILVA, Vagner Gonçalves. **Candomblé e umbanda caminhos da devoção brasileira**. São Paulo: Ática, 1994. As religiões na história.

SOUZA, Maria de Mello e. **Africa e Brasil africano**. São Paulo: Ática, 2006.

THORNTON, Jhon Kelly. **África e os africanos na formação do mundo Atlântico**, 1400 – 1800. 5 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004

VERGER, Pierre Fatumbi. **Orixás: Deuses iorubás na África e no novo mundo**. 5 ed. São Paulo: Currúpio, 1985